

**O PLURALISMO  
RELIGIOSO  
EM QUESTÃO**



Claudio de Oliveira Ribeiro

ORGANIZADOR

# O PLURALISMO RELIGIOSO EM QUESTÃO



PLURALIDADES

São Paulo, 2024

Copyright © Editora Pluralidades, 2024.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

<b>Direção geral</b>	Iago Freitas Gonçalves
<b>Equipe editorial</b>	André Yuri Abijaudi Flávio Santana Iago Freitas Gonçalves Karen Colares Priscila Gonçalves
<b>Editora-chefe</b>	Priscila Gonçalves
<b>Editor responsável</b>	André Yuri Abijaudi
<b>Preparação de texto</b>	Flávio Santana
<b>Projeto de capa, diagramação e projeto gráfico</b>	Talita Almeida
<b>Conselho editorial</b>	

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

--

# Sumário

<b>O pluralismo religioso em questão</b>	<b>7</b>
<i>Claudio Ribeiro</i>	
<b>I. A pluralidade religiosa global e nacional em questão: aspectos analíticos da diversidade de crenças no mundo</b>	<b>13</b>
<i>Clarissa De Franco &amp; Claudio Ribeiro</i>	
<b>II. Polidoxia, entrelugares da cultura e pluralismo religioso</b>	<b>39</b>
<i>Angélica Tostes &amp; Claudio Ribeiro</i>	
<b>III. Modelos de interpretação teológica das religiões: crítica e proposição</b>	<b>67</b>
<i>Claudio Ribeiro &amp; Alonso Gonçalves</i>	
<b>IV. Perspectivas teológico-pastorais do movimento ecumênico internacional para o diálogo inter-religioso</b>	<b>93</b>
<i>Magali Cunha &amp; Claudio Ribeiro</i>	
<b>V. O lugar e a importância da concepção de diálogo e da noção de interculturalidade nos estudos de religião</b>	<b>119</b>
<i>Claudio Ribeiro &amp; Rita Grassi</i>	

<b>VI. As dimensões de decolonialidade, pluralidade e ecumenicidade no fazer teológico: o potencial crítico-libertador das religiões na América Latina</b>	<b>147</b>
<i>Elias Wolff &amp; Claudio Ribeiro</i>	
<b>Índice remissivo</b>	<b>179</b>
<b>Sobre as autores e autoras</b>	<b>183</b>

# I. A pluralidade religiosa global e nacional em questão: aspectos analíticos da diversidade de crenças no mundo<sup>1</sup>

*Clarissa De Franco & Claudio Ribeiro*

## **Introdução**

O objetivo central desse texto é apresentar um panorama do quadro religioso contemporâneo, considerando dados brasileiros e mundiais, com foco na perspectiva da pluralidade, entendida como o número expressivo e a farta variedade de ofertas religiosas e de espiritualidades na sociedade. O dinamismo religioso na contemporaneidade pode encobrir pertencimentos a múltiplos sistemas de crenças, além do fato do mapeamento das religiões tangenciar perspectivas culturais e regionais do tratamento de dados.

Foram considerados nessa pesquisa aspectos globais que demonstram um cenário amplo da pluralidade religiosa no Brasil e no mundo, buscando compreender algumas especificidades marcantes em contextos regionais. Compreendemos diversidade religiosa como um conceito descritivo que possibilita captar o fenômeno observável da vasta quantidade de ofertas religiosas e de espiritualidades disponíveis e apresentadas em dado contexto social. Neste sentido, a noção de diversidade, aqui entendida como sinônimo de pluralidade, se distingue do conceito ético-normativo e político de pluralismo religioso, utilizado para se pensar as possibilidades de convivências justas, dialógicas, respeitadas e democráticas entre os diferentes grupos religiosos, incluindo a relação entre religiosos e não religiosos. Esse segundo

---

1. Versão atualizada de texto publicado originalmente em *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 308-324, 2020.

conceito nos interessa mais de perto no tocante ao último aspecto que analisamos nesta pesquisa. Pluralismo religioso requer, portanto, plataformas políticas que gerem intervenções sociais e atitudes concretas dos diferentes grupos e instituições, mediadas democraticamente pelo Estado.<sup>2</sup>

Iniciamos pela contextualização da pluralidade religiosa em cenários democráticos e pelos desafios impostos pela globalização que tendem a trazer contextos culturais híbridos. Seguimos, apresentando números sobre o fenômeno religioso brasileiro e mundial, discutindo sobre novas configurações de pertencimentos e sobre as dificuldades de mapeamento de alguns grupos e realidades religiosas. A pesquisa finaliza-se com a discussão de aspectos sobre intolerância religiosa e iniciativas de tolerância e inclusão como expressão de defesa dos direitos humanos que a pluralidade religiosa no mundo e no Brasil revela. Os desafios da convivência das diversas religiões no contexto contemporâneo pressupõem arranjos e estratégias coletivas que visam a garantia de direitos relativos à diversidade.

## **Pluralidade religiosa no mundo**

### **O contexto ocidental**

A perspectiva da pluralidade pressupõe alguns princípios ligados à democratização dos Estados modernos, como o reconhecimento das diferenças e garantias constitucionais para que tais diferenças possam conviver respeitadamente em sociedade. Desse cenário, surge o debate sobre pluralismo religioso, que envolve a perspectiva de convivência pacífica, respeitosa e horizontal entre os grupos religiosos, que está além do diálogo inter-religioso ou do reconhecimento da diversidade religiosa presente no mundo atual.

François Becker, ao citar a expressão “interconvicções” para contextualizar o debate sobre pluralismo religioso identifica que é preciso refletir sobre os problemas de coesão social, considerando convicções que podem estar em campos políticos e culturais muito diversos e que extrapolam os âmbitos da religião, mas passam por ela.<sup>3</sup>

Nesse sentido, apenas o “diálogo” seria insuficiente em um campo que se propõe a produzir um espaço intermediário de ações no mundo para

---

2. BECKFORD, 2003.

3. BECKER, 2012.



a realização e o reconhecimento das interconvicções. Tal espaço de ações prevê um objetivo comum de impacto social que transforma a arena política de convivência.

Para tratarmos, portanto, de pluralidade religiosa no mundo, é preciso passar pela discussão política que vai para além da diversidade religiosa ou diálogo inter-religioso, evocando uma perspectiva mais ampla, política, sobre as relações entre os distintos grupos religiosos e também as religiões e as demais esferas e instituições normatizadoras das sociedades, constituindo-se como espaços nos quais as convicções permaneçam vivas, mas em estado constante de transformação, passando a promover ações em sociedade.

No que se refere ao contexto no qual emerge a pluralidade religiosa, pensando em termos culturais e de convicções, podemos citar Stuart Hall em uma analogia, quando ele aponta três possíveis desfechos para os contatos que ocorrem a partir dos processos de globalização: 1) desintegração da noção de identidade nacional, e, pensando no contexto religioso, desintegração de traços culturais que indicariam coesão e estabilidade da convicção religiosa; 2) resistência da identidade nacional numa luta contra os elementos invasores da globalização – uma perspectiva que sustenta as convicções fundamentalistas e extremas; 3) surgimento de identidades híbridas, que no caso do fenômeno religioso, explicariam as transformações, trânsitos e porosidades observadas no cenário contemporâneo e as ações sociais no interstício do diálogo interconvicções.<sup>4</sup>

## **1.1. O quadro mundial das religiões em movimento**

Inicialmente, vamos apresentar um aspecto mais descritivo do contexto de pluralidade religiosa mundial. Embora as religiões majoritárias permaneçam numericamente representativas no mundo, há alterações importantes no quadro religioso global contemporâneo. O grupo dos sem religião – categoria mundial na qual está incluída uma gama de crenças desinstitucionalizadas até o ateísmo – passou a ocupar o terceiro posto dentro do espectro das crenças mundiais, atrás apenas do cristianismo e do islamismo.<sup>5</sup>

---

4. HALL, 2006, p. 69.

5. CARRIE OSGOOD, 2019.

De acordo com Tariq Modood e Thomas Sealy, na Europa “o declínio da crença religiosa e da importância da religião na sociedade não mostra sinais de reversão” Os autores indicam ainda que “muitos europeus ficam felizes por pensar nos seus países e no seu continente como pós-cristãos”<sup>6</sup>.

Claro que, conforme veremos, há variações do quadro religioso dentro da Europa, já que a Europa Oriental e Meridional apresentam números mais elevados de religiosidade quando comparados aos da Europa Ocidental.

É importante considerar que o quadro religioso mundial tem sido afetado diretamente pelos fenômenos migratórios contemporâneos, impactados também por crises recentes como as guerras entre Rússia e Ucrânia, e entre Israel e Hamas, pela crise humanitária gerada pela Covid-19, entre outros fenômenos atuais. Tais acontecimentos movimentam muçulmanos/as pelo mundo, aproximam contatos entre cristãos/ãs ortodoxos/as e demais formas de cristianismos.

A América se mantém como um continente majoritariamente cristão, com notado crescimento das expressões religiosas evangélicas (em especial as pentecostais e neopentecostais) e um decréscimo gradual de seguidores e seguidoras do catolicismo tradicional. Esse dado vem sendo observado no cenário brasileiro nos três últimos censos<sup>7</sup> e também acompanha o contexto geral americano.

No Brasil, observou-se também aumento gradual do número de adeptos/as do islamismo, que segundo o IBGE cresceu 29,1% entre 2000 e 2010, dado que não é acompanhado pelo restante do continente, já que a América é o local do globo em que a população muçulmana tem menor crescimento exponencial.

Ainda no continente americano, observam-se algumas peculiaridades, como o caso do Uruguai, que possui a maior população ateuista da América, em termos proporcionais à sua população, comparada a índices europeus. Além do Uruguai, três países americanos se destacam: Guiana Francesa, Suriname e Trinidad e Tobago são as únicas nações americanas com alta incidência das populações hindus e muçulmanas, registrando menor participação de cris-

---

6. MODOOD; SEALY, 2002, p. 363.

7. TEIXEIRA; MENEZES, 2013.

tãos. Há que se considerar que os diferentes processos de colonização dos países da América trazem histórias e arranjos religiosos distintos.

Os Estados Unidos é um país majoritariamente cristão, sendo local de forte presença e sede de religiões como Mórmons, Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia, entre outras, mas este país também viu ampliar o número dos sem religião em seu território nas últimas décadas, conforme aponta o Pew Research Center.<sup>8</sup> Já o Canadá e alguns países da América do Sul como Brasil, Peru, Bolívia, entre outros, contam, além do cristianismo, com religiões étnicas e indígenas, além de outros grupos religiosos minoritários, como Espiritismo Kardecista, religiões de matrizes afro (Umbanda, Candomblé, Tambor de Mina...), religiões sincréticas como Santo Daime, entre outras. Também podemos citar grupos religiosos como a Santeria em Cuba e o culto à Santa Muerte no México, que se tornou uma especificidade cristã em sincretismo com crenças e práticas mesoamericanas. Nota-se que o cristianismo também se manifesta em parte da Europa, África, Oceania e uma pequena parte da Ásia, sendo a maior religião do mundo.

Já o continente africano se mostra no cenário atual fortemente dividido. Ao norte da África, o islamismo se propaga, formando um grande bloco muçulmano, com presença do Sufismo. Na região Sul do continente africano, o cristianismo marca presença.<sup>9</sup> A África Subsaariana, até o começo do século 20, era constituída na maior parte do território por religiões tradicionais que geraram influência às religiões afro-brasileiras. No entanto, tal quadro foi modificado principalmente na segunda metade do século quando essa região passou a ter um crescimento acelerado de crenças cristãs. Observa-se que a grande maioria das pessoas na África está profundamente comprometida com as práticas e os valores de uma das duas maiores religiões do mundo, o cristianismo e o islamismo. Nesse sentido, há um contraste nítido em relação a países europeus e americanos, já que poucas pessoas no continente africano são religiosamente não afiliadas.

Cabe observar que as religiões tradicionais na África permanecem coexistindo com as religiões majoritárias, a partir de um sincretismo de crenças e não propriamente de filiação. O contexto de culto aos antepassados, práticas

---

8. PEW RESEARCH CENTER, 2018.

9. LUGO *et al*, 2010.

de curanderia, crenças em espíritos e reencarnação são elementos vivos nos meandros na cultura africana, coexistindo, portanto, com o cristianismo e islamismo.<sup>10</sup>

Além da parte norte do continente africano, o Oriente Médio também registra crenças majoritariamente islâmicas, sendo estes os locais do globo nos quais a presença muçulmana se concentra.

De acordo com dados do Pew Research Center, compilados por Manolo Corichi e também de Carrie Osgood<sup>11</sup>, no continente asiático, a Indonésia é o país com maior população islâmica, no qual também se propagaram influências sufistas. A Índia se destaca como uma região na qual o hinduísmo está fortemente instalado com manifestações variadas como os Hare Krishna, apesar desse país também ter população islâmica, entre outros grupos religiosos. O hinduísmo é o quarto grupo religioso mais numérico do mundo, atrás do cristianismo, islamismo e pessoas sem religião. Já o budismo, o quinto da lista, é reconhecido no sudeste asiático (Tailândia, Vietnã, Camboja, Myanmar...) e também no Japão, que, além da população budista, conta com xintoísmo, grupos religiosos variados e sem religião.

A China, embora com presença de islamismo, cristianismo e outras várias religiões, como taoísmo, confucionismo e religiões tradicionais chinesas, tem uma das incidências mais altas do planeta no tocante à população dos sem religião, perto dos índices da República Tcheca, que chegam próximos aos 50%. Acima desses números, somente a Coreia do Norte registra uma população majoritariamente não religiosa. Deve-se considerar, entre estes países, que o regime comunista por muitos anos entrou em conflito com sistemas religiosos, e, portanto, a não filiação religiosa pode estar relacionada a contextos históricos e sócio-políticos. A Coreia do Sul se divide em grupos de cristãos, budistas, taoístas e outras religiões.

O judaísmo tem forte concentração em Israel e Cisjordânia – esta última, de maioria muçulmana – no entanto, apesar de sua relevância histórica e social no contexto das religiões mundiais, o judaísmo é uma religião minoritária no globo.

---

10. Ibidem.

11. CORICHI, 2023; OSGOOD, 2019.

À direita da Indonésia, as Filipinas, junto com as ilhas ao norte da Oceania, configuram-se como a única região majoritariamente cristã do continente asiático, acompanhando o movimento cultural de seus colonizadores ingleses. Ao norte da Rússia, na região da Sibéria, destacam-se as religiões étnicas e indígenas.

A Europa mantém o cristianismo como religião principal, no entanto, cresce o número de pessoas ateístas e sem religião na maior parte dos países do continente. O islamismo na Europa se propaga principalmente na França, Alemanha, Grã-Bretanha e alguns países do sudeste europeu, como Sérvia, Bósnia e Albânia. Finalmente, a Oceania guarda características similares com países europeus, mantendo uma alta população cristã, seguida pelo grupo dos sem religião, tanto nos maiores países, como Austrália e Nova Zelândia, quanto nas ilhas ao norte, em fronteira com o continente asiático.

## **Religiões na América Latina**

As pesquisadoras Clarissa De Franco, Ana Keila Mosca Pinezi e Sandra Duarte de Souza, indicam que é possível observar, há pelo menos três décadas, novas configurações religiosas na América Latina.<sup>12</sup> O Instituto de Pesquisa Latinobarómetro<sup>13</sup>, aponta duas fortes tendências religiosas na América Latina, já observadas em pesquisas anteriores do IBGE.<sup>14</sup> A primeira se refere ao crescimento do grupo de pessoas que se declaram sem religião em uma região fortemente cristã. Entre os países com menor presença das religiosidades institucionalizadas e maior presença das irreligiosidades (sem religião, ateísmo e agnosticismo) estão o Uruguai (41,1%), Chile (37,85%), El Salvador (30,5%) e República Dominicana (28,0%).<sup>15</sup>

Conforme apontaremos mais ao final deste texto, lembramos que a categoria das pessoas sem religião ainda merece um tratamento mais detalhado de pesquisas, já que engloba perspectivas de crenças não institucionais e não crenças, o que, no contexto dos fortes hibridismos religiosos da América Latina, acaba por se tornar uma categoria com uma certa indefinição.

---

12. SOUZA, 2022, p. 37-40.

13. CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2017.

14. IBGE, 2010.

15. CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO, 2017.

A outra tendência que já se tornou uma realidade é o aumento da presença de grupos religiosos evangélicos, notadamente pentecostais, em diversos países da América Latina combinada com queda da adesão religiosa ao catolicismo, o que vem constituindo novos espaços hegemônicos relativos ao cristianismo na América Latina.

A pesquisa aponta que Guatemala, Honduras e Nicarágua são os países latinos com maiores percentuais de grupos religiosos evangélicos, respectivamente com 43,2%; 40,5% e 39,6% de declaração de pertencimentos evangélicos, seguidos de El Salvador (28%), Brasil (27,1%), Costa Rica (26%), Panamá (25,6%), República Dominicana (22,3%) e Bolívia (20,5%). Alguns países, no entanto, ainda seguem majoritariamente católicos, como é o caso do Paraguai (89,2% de católicos/as declarados/as), México (80,3%), Equador (76,7%), Peru (73,8%), Colômbia (73%), e Bolívia (72,5%), nos quais a transição do catolicismo para as denominações evangélicas é ainda mais lenta. A Bolívia tem forte presença católica e também marcada e crescente presença evangélica, o que a leva a ser a nação com o menor percentual de pessoas sem religião da América Latina (3,7%).

Maria Alicia Gutiérrez usa o termo “novas hegemonias religiosas” para representar este cenário de ascensão das igrejas pentecostais e neopentecostais na América Latina.<sup>16</sup> A consolidação de novas hegemonias cristãs vem acompanhada de um movimento que pode ser observado em países ocidentais em geral; o fortalecimento de posicionamentos ideológicos e políticos ligados ao conservadorismo reacionário, em especial na última década, que revitalizou os fundamentalismos religiosos.

Embora em seu início, o pentecostalismo tenha promovido uma forma de “dignificação” das pessoas marginalizadas, já que adentrou fortemente a comunidade periférica e negra e favoreceu a autonomia e o acesso de pessoas sem estudo aos postos de liderança religiosa, em anos recentes, principalmente pós década de 1990 e mais efetivamente a partir dos anos 2000, muitas igrejas pentecostais acenaram para o conservadorismo cristão.

O termo conservadorismo reacionário foi escolhido para nos referirmos a posições que percebem os direitos humanos como ameaça ou decadência

---

16. GUTIÉRREZ, 2006.

moral e reivindicam um retorno a um passado de “ordem e progresso”. Nessa perspectiva das dinâmicas religiosas e ideológicas conservadoras reacionárias, um campo discursivo tem se formado na arena das controvérsias públicas; narrativas que disputam legitimidade com outros discursos hegemônicos, como o da ciência. O negacionismo, como um campo ideológico de oposição à hegemonia e à legitimidade da ciência, configura-se como um espaço de demarcação de lócus de poder dos grupos religiosos que estão em ascensão e necessitam de legitimidade discursiva no espaço público. No contexto da pandemia de Covid-19, tal fenômeno se agravou, uma vez que se trata de um propício cenário para uma disputa discursiva que envolve a hegemonia sobre explicações negacionistas versus científicas diante do grande público. Emergiram durante a pandemia alianças político-religiosas que fortaleceram o campo ideológico conservador e as narrativas negacionistas.

Cabe citar também que o campo religioso latino, mesmo sendo majoritariamente cristão e fortemente conservador, permite espaços para grupos religiosos católicos e evangélicos com tendência progressista e de defesa de direitos humanos, como movimentos feministas decoloniais cristãos.

Além do contexto cristão, a América Latina expressa uma religiosidade fortemente sincrética e híbrida, contendo uma tradição extensa de crenças populares. Uma série de amálgamas e arranjos acontecem entre religiosidades populares e a institucionalização das igrejas majoritárias, como o catolicismo. Conforme observa Maria Alicia Gutiérrez, no Caribe, “desde os tempos da conquista houve a interação da religião católica, como vários séculos depois das protestantes, com os rituais dos povos nativos e com os cultos afros”<sup>17</sup>. A autora também observa sincretismos entre povos maia na Guatemala e a festa católica de Santiago, e entre povos guaranis do Paraguai com o culto dos reis.

Pode-se citar variados exemplos dessas combinações que sobrevivem de sobreposições entre ritos, símbolos e cultos que combinam cristianismo oficial com religiosidades populares no contexto da América Latina e Caribe, como os rastafáris jamaicanos; os Shangós de Trinidad e Tobago, o Vodou do Haiti; a Umbanda do Brasil; o Santo Daime nas fronteiras entre Brasil e países andinos; a Santería, de Cuba, entre muitos outros.

---

17. Ibidem, [s.p.].

Podemos afirmar que o sincretismo se tornou a forma possível de convivência de dimensões simbólicas, de crença e de identidade em países marcados pelo longo processo de colonização.

Já outras religiões, como o espiritismo kardecista assumiu um “sincretismo entre as práticas “científicas” e estratégias de cura tomadas do catolicismo popular, dos cultos africanos (especialmente a *santería*) e da herança dos povos originais”<sup>18</sup>, tendo um papel significativo no Brasil, em Cuba, na República Dominicana e em Porto Rico. Observa-se a partir de dados do Censo do IBGE que as pessoas adeptas do espiritismo kardecista no Brasil possuem em geral classe social mais abastada e também um nível de escolaridade alto.<sup>19</sup> Finalmente, cabe destacar que muitos países latinos possuem grande população de povos originários, como Bolívia, Equador, Peru, Guatemala e Brasil. Sua religiosidade, assim como sua língua e costumes é muito diversificada, com sincretismos próprios à experiência e história da religiosidade local. Destacamos a figura do xamã ou pajé, um intermediário entre os espíritos e o grupo indígena, a sacralização da natureza, e as chamadas “medicinas da floresta”, que buscam nas plantas, frutos, água e natureza sua forma de cura. Atualmente, o protestantismo tem ocupado espaço entre os sincretismos com as crenças de povos originários de várias partes da América Latina. Reforçamos novamente que estes elementos apresentam matizes próprias aos grupos específicos, não podendo ser generalizadas.

Finalmente, o budismo possui uma presença mais forte no Brasil que nos demais países da América Latina.<sup>20</sup> E de acordo com Corporación Latino Barómetro a presença de muçulmanos/as é mais acentuada no Suriname e na Guiana, países com colonização diferente da maioria dos países latinos.<sup>21</sup>

## **Pluralidade religiosa brasileira**

Olhemos, agora, com maior atenção para o caso brasileiro. Ele não está fora do alcance das tendências mundiais e de sua interação com elas, mas tem especificidades e tem sido foco nas análises científicas dos estudos de religião.

---

18. Ibidem.

19. IBGE, 2010.

20. USARSKI, 2002.

21. CORPORACIÓN LATINO BARÓMETRO, 2017,



Além disso, por motivos de nossa pertença ao país, este quadro nos interessa mais de perto.

Uma das tendências, em certo sentido duradoura, é um *deslocamento do religioso*, que transborda os ambientes tidos como tradicionalmente religiosos alcançando outras esferas sociais, tais quais as mídias, o esporte, o cinema, a literatura etc. “Estas instituições [e espaços sociais] produzem símbolos, sentidos, crenças, explicações sobre o real e figuras para a imitação, a fidelidade e mesmo a devoção das pessoas”<sup>22</sup>. Neste sentido, a religião não está mais apenas contida nos espaços tradicionalmente conhecidos como sagrados, mas haveria transbordado para fora dos mesmos, atingindo outras esferas sociais.

### O mapa da diferença religiosa

As análises da diversidade religiosa brasileira têm sido feitas por diversos setores dos estudos de religião. Em geral, seguimos a tese da complexidade e da diversificação crescente e intensa do quadro religioso, sempre com a interação de elementos econômicos, sociais e culturais, internos e externos aos grupos.

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, ao analisar o quadro da diversidade religiosa brasileira, em diferentes estudos, mas especialmente em *Os Rostos de Deus do Outro*, se pergunta: “como seria possível descrever este universo rico e diferenciado não tanto pela quantidade de semelhanças, mas pela qualidade das diferenças?”<sup>23</sup>.

Para tanto, a fim de compreender a estrutura e dinâmica do campo religioso no Brasil o autor constrói um mapa, propondo que “imaginemos o espaço em branco de uma folha de papel deitada na horizontal”<sup>24</sup>. Segue, portanto, a dinâmica oferecida pelo autor: “Coloquemos no extremo à esquerda as religiões dos primeiros povoadores do que veio a ser, depois, o Brasil: os povos e as nações indígenas”<sup>25</sup>. Estes, mesmo após anos de colonização e sincretismo, ainda preservam raízes religiosas. É fato que parte considerável dessas raízes está entre – localizada e entrecruzada com diversas fronteiras da realidade urbana.

---

22. MOREIRA, 2008, p. 30.

23. BRANDÃO, 2005, p. 23.

24. Ibidem.

25. Ibidem.

Do lado direito, extremo oposto da folha, coloquemos as religiões minoritárias, tais quais as dos judeus e seu povo, dos muçulmanos migrantes árabes ou não, o cristianismo ortodoxo dos libaneses e europeus, e as variadas vivências expressões de budismo, de confucionismo e de xintoísmo. Apesar de serem “estrangeiros”, estes grupos guardam em comum com as religiões dos povos indígenas aqui no Brasil, o “fato de que quase sempre estão restritas ao âmbito de suas próprias comunidades étnicas ou culturais”<sup>26</sup>. Não se deve confundir estas religiões mais antigas, com outras que recentemente chegaram aos Brasil como a Igreja Messiânica e Seicho-no-Ie.

Voltando à “folha em branco”, do lado esquerdo, próxima às espiritualidades indígenas estão “alguns tipos e variações de cultos e de práticas que nem sempre chegam a constituir religiões formais”<sup>27</sup>. Mas que, especialmente na região da Amazônia, possuem vulto significativo, como por exemplo os cultos de Jurema e a pajelança amazônica. Colada a estas, estão as expressões religiosas que, a despeito de serem fundamentalmente de matriz africana, são bastante expressivas no Brasil. Estamos nos referindo ao Candomblé, à Casa de Minas do Maranhão, ao Xangô do Nordeste e às Umbandas.

O que essas expressões, tanto as religiões minoritárias indígenas quanto as afro-brasileiras, possuem em comum é a crença e prática da possessão. Ou seja, “todas elas, cada uma a seu modo e com bases em seus mitos e teologias, aceitam a possessão como o modo mais adequado por meio do qual uma divindade, espírito de mortos ou outros tipos de seres [...], entram em comunicação com os humanos vivos”<sup>28</sup>.

Tomando como princípio a possessão, coloque-se neste mapa, o espiritismo kardecista. E mesmo que a maioria dos adeptos da “mesa branca” neguem o fato de estarem ligadas as religiões afro-brasileiras, há que se dizer que “o espiritismo kardecista, a umbanda e o candomblé sãs as religiões mediúnicas e de possessão mais difundidas e melhor conhecidas no Brasil”<sup>29</sup>.

Ainda na linha constitutiva da possessão e da mediunidade, ao lado do espiritismo kardecista e das religiões afro-brasileiras, estão o Vale do

---

26. Ibidem, p. 24.

27. Ibidem, p. 25.

28. Ibidem, p. 26.

29. Ibidem, p. 28.

Amanhecer, a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal e a Legião da Boa Vontade, que tempos atrás teve o seu nome substituído para Religião de Deus. Trata-se de religiões pouco difundidas no Brasil, mas que se encontram presentes em solo nacional.

Caminhando para o lado direito da “folha imaginária”, se encontram as religiões identificadas como cristãs. São elas: os catolicismos (em suas várias tendências teológicas e doutrinárias), os protestantismos de imigração tais como os dos luteranos, anglicanos e os protestantismos de missão como os dos presbiterianos, congregacionais, batistas e metodistas. Incluem-se também analogamente nesse quadro de práticas similares às expressões religiosas cristãs, tais como as Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia e Mórmons.

Também no que se refere a vertente intitulada cristã se encontra o protestantismo pentecostal, cujos grupos de maior destaque são as Assembleias de Deus, a Congregação Cristã do Brasil e as novas igrejas pentecostais, que possuem estruturas eclesiais diversificadas. Vale dizer que, mesmo contrário a qualquer associação para com as religiões afro-brasileiras, o protestantismo pentecostal – e mais recentemente a Igreja Universal do Reino de Deus – pode ser considerado em certo grau uma religião de possessão. Haja vista que um dos momentos ápice do culto é caracterizado por fenômenos extáticos, tais como o batismo pelo Espírito Santo, o arrebatamento espiritual, o exorcismo etc.

Próximo à margem direita de nosso mapa, onde primeiramente foram localizadas as religiões de minoria étnicas e culturais, se encontram outras tradições religiosas presentes, sobretudo no Centro-Oeste brasileiro, Brasília e Amazônia. São elas: o Santo Daime, a União do Vegetal, e os já referidos Fraternidade Eclética Espiritualista Universal e Vale do Amanhecer.

E, finalmente, no último espaço em branco que resta na folha imaginária, estão presentes as “religiões orientais”. Pode-se citar a Fé Baha’í, a Hare Krishna, o sufismo, a Ananda Marga e a Brahma Kumaris.

Nesta descrição feita estão indicadas somente as expressões daquilo que podemos chamar de propriamente religiosas. O número e a variedade de grupos que expressam seus perfis rituais, cúlticos e doutrinários em formas híbridas, tanto em relação à conjugação de elementos de variados aspectos religiosos, quanto a reunião de elementos culturais e seculares, como de

autoajuda, terapêuticos, midiáticos, econômicos e de entretenimento, são consideráveis e de não fácil descrição e análise. Muitos deles são identificados em vivências particulares de grupos específicos. Outros são pontuais, com pouca duração de existência ou com reorganização constante de práticas, nomes, normas e lideranças. Tais aspectos intensificam a diversificação e a complexidade do quadro religioso brasileiro.

De fato, a vivência religiosa no Brasil, assim como em outras partes do globo, sofreu fortes mudanças nas últimas décadas. Em linhas gerais, alguns aspectos do novo perfil se devem, sobretudo:

- (i) à afirmação religiosa indígena e afro-brasileira em suas diversas matrizes, em sua maioria híbridas e recompostas, incluindo as formas de Umbandas, Candomblés e Encantarias, e uma série de expressões culturais regionais, como Tambor de Mina, Catimbó-Jurema, além de expressões sincréticas como Vale do Amanhecer, Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, entre outras;
- (i) à multiplicação e maior visibilidade dos grupos orientais, em toda a sua diversidade étnica e cultural, tanto as diferentes expressões de budismo, de xintoísmo e de confucionismo como Seicho-no-Ie, Perfect Liberty, Igreja Messiânica, Fé Baháí, Hare Krishna e seguidores de Osho;
- (ii) à presença pública, embora minoritária, das diferentes expressões do judaísmo e do islã, incluindo, em cada uma delas, uma variedade de práticas devido à diversidade étnica, grupos com orientações político-ideológicas distintas, vivências comunitárias diversificadas, e maior ou menor flexibilidade no tocante aos aspectos tradicionais destas religiões;
- (iii) à força popular do espiritismo kardecista, na diversidade e autonomia de diferentes grupos, formalmente instituídos em centros espíritas ou não, de colorações doutrinárias distintas como, por exemplo, os que cujas práticas são de maior ou menor intersecção com o catolicismo popular ou com expressões afro-brasileiras, e de especificidades ideológicas como aqueles que se caracterizam pela defesa dos direitos humanos e pautas inclusivas;
- (iv) às expressões espiritualistas e mágicas que se configuram em torno da chamada Nova Era e outras formas em ascensão como Wicca e Rosa Cruz;

- (v) às expressões religiosas caracterizadas pelo ritual de consumo de *ayahuasca*, como o Santo-Daime, Barquinha e União do Vegetal;
- (vi) ao esforço nucleador dos Mórmons, Testemunhas de Jeová e Adventistas do Sétimo Dia;
- (vii) à manutenção, no campo católico-romano, das atividades das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e das pastorais populares, ao lado de grupos chamados tradicionais, de devoções populares e do fortalecimento institucional dos movimentos de renovação carismática, que reforçam a pluralidade católica constituída por dezenas de ordens, grupos e tendências doutrinárias e teológicas;
- (viii) ao crescimento evangélico, em especial o das igrejas e movimentos pentecostais, ao lado da visibilidade pública e midiática desses grupos, somada à presença e atividade das igrejas evangélicas chamadas “tradicionais”, à multiplicação de “células” e comunidades autônomas, e à maior visibilidade e articulação de movimentos evangélicos progressistas.
- (ix) à visibilidade e multiplicação de grupos, movimentos e comunidades cristãs LGBTQIA+, católicas e evangélicas, em especial nos centros urbanos.

Todas essas expressões, além de outras, formam um cenário complexo e de matizes as mais diferenciadas, ainda mais se forem acrescentadas as formas religiosas seculares e culturais, como as terapêuticas, de autoajuda, econômicas, midiáticas e de entretenimento. Não se pode esquecer o número crescente de pessoas que se declaram sem religião, que no Brasil estão atrás apenas dos grupos católicos e evangélicos.<sup>30</sup>

### **Novas configurações do quadro religioso brasileiro**

Ao analisarmos as igrejas e os movimentos cristãos, vemos que há no crescimento numérico destes grupos uma incidência intensa e direta de elementos provenientes da matriz religiosa e cultural brasileira. Esta é historicamente marcada por elementos mágicos e místicos, fruto de uma simbiose das religiões indígenas, africanas e do catolicismo ibérico.<sup>31</sup> A experiência

---

30. RIBEIRO, 2023.

31. BITTENCOURT FILHO, 2003.

religiosa brasileira foi e tem sido fortemente influenciada por uma espiritualidade de cunho imagético e por narrativas míticas que se constituem por um conjunto de cosmovisões e experiências orientadas pela espontaneidade e sem maior rigor institucional do que por um corpus teológico sistematizado.<sup>32</sup>

Há que se dizer também que essa identidade religiosa é determinante do esvaziamento de expressões religiosas orientadas por discursos teológicos mais rígidos e formais, que não privilegiam a espontaneidade e a diferença cultural e, em certo sentido, explicam a expansão de movimentos no seio dos diversos grupos religiosos, que enfatizam o caráter espontâneo, místico e celebrativo.<sup>33</sup>

Para além do campo cristão, mas, sem deixar de incluí-lo, novos movimentos religiosos se multiplicam, sem possuir contornos fixos ou perfis bem determinados. De fato, estes movimentos possuem traços flutuantes, dispersos e plurais e muitos deles se situam nas fronteiras e cruzamentos da religião com a medicina, a arte, a física, a filosofia, a psicologia, a ecologia, e, especialmente, com a economia.<sup>34</sup>

Outro aspecto entre os mais destacados da nova configuração em questão são as situações de trânsito religioso.<sup>35</sup> Elas se dão, por exemplo, na recomposição simbólico-cultural de diferentes sistemas de crenças e não apenas na migração das pessoas de uma religião para a outra.<sup>36</sup> Tal perspectiva se aplica em variadas práticas e tipos de expressão religiosa. A síntese é de difícil realização, mas podemos indicar, pelo menos, cinco possibilidades: (i) a pessoa ou grupo que afirma determinada pertença e admite experimentar outras vivências religiosas, (ii) aquela que, por motivos externos, nem sempre confessáveis, declara pertencer à uma religião, mas exercita outra, (iii) os grupos que harmonizam e integram relativamente bem mais de uma tradição ou vivência religiosa, (iv) as pessoas que não aderem à uma religião específica, mas transitam por mais de uma delas, e (v) aqueles que, mesmo mantendo a sua pertença religiosa, articulam elementos simbólico-rituais de outras religiões e espiritualidades.

---

32. STEIL, 2008.

33. RIBEIRO; CATENACI, 2017.

34. CAMURÇA, 2008.

35. SOUZA, 2020.

36. GIUMBELLI, 2014.

Tais práticas estão relacionadas, direta ou indiretamente, ao fenômeno das múltiplas pertencas religiosas, ou múltiplas participações religiosas, como de forma mais apurada tem se falado.<sup>37</sup> Isto se dá, tanto nas formas mais conscientes e explícitas quanto as de ordem sincréticas ou de trânsito e de assimilação de valores, ideias, perspectivas e visões de mundo.<sup>38</sup> Isso ocorre especialmente pela força pragmática e mobilizadora que as expressões religiosas costumam ter na organização do cotidiano das pessoas e coletividades. As múltiplas participações religiosas são muito difíceis de serem quantificadas.<sup>39</sup>

O fato é que o campo religioso brasileiro apresenta, nas últimas décadas, intensas transformações. Verifica-se, por exemplo, um número crescente de pessoas e grupos que desejam a vivência da fé sem necessariamente ter uma submissão às instituições religiosas ou mesmo sem forte adesão à vivência religiosa comunitária.<sup>40</sup> Na experiência religiosa com características privatizadas, cada pessoa escolhe o que deseja crer, onde e como exercer as suas espiritualidades, não obstante os mecanismos e instrumentos massificantes e ideológicos que marcam o cenário das novas configurações religiosas no Brasil e no mundo.

No entanto tais expressões quase sempre são acompanhadas por dimensões públicas e articuladas com aspectos políticos, o que intensifica a pluralidade religiosa, como já nos referimos na análise das tendências mundiais. O quadro religioso tem apresentado tais características e tem sido, por um lado, marcado por elementos de massificação e de reprodução de formas individualistas, intimistas e com lógicas consumistas, de ascensão social e de prosperidade econômica e material no âmbito individual e familiar, e, por outro, tem estado conectado com as formas de compreensão e ação nas esferas públicas e políticas, com suas mais variadas conotações ideológicas. Trata-se de um amálgama de difícil análise e compreensão.

Outro aspecto que marca o quadro de novas configurações religiosas são as práticas de *marketing*, em geral aliadas aos interesses do sistema econômico,

---

37. RIBEIRO, 2018.

38. FERNANDES, 2012.

39. CAMURÇA, 2014.

40. TEIXEIRA; MENEZES, 2013.

e como se apropriam de discursos religiosos para seus fins e vice-versa. Nesta perspectiva, um número considerável de pessoas passa a viver a experiência religiosa preponderantemente, ou em alguns até mesmo restritamente, com o uso da TV, do rádio e da internet. Não obstante a essa tendência, ao mesmo tempo, variadas expressões religiosas comunitárias se mantêm, se recriam ou ressurgem com compromissos e vínculos sociais dentro de uma perspectiva de humanização, de defesa da cidadania e de transformação social que vise à conquista de direitos, à sustentabilidade ecológica e demais aspectos de justiça social e paz.<sup>41</sup> Trata-se de um processo complexo, ambíguo e marcado por contradições que reforçam a pluralidade religiosa.

## **Outro olhar sobre os números**

Consideramos que os dados estatísticos sobre o cenário religioso global e nacional não podem ser tomados como única referência na análise do fenômeno religioso, já que a religião se encontra permeada dentro de outras esferas do campo cultural e a declaração afirmativa ou as demonstrações efetivas e públicas de pertença religiosa não são as únicas formas de observação deste fenômeno. O dinamismo religioso na contemporaneidade pode encobrir pertenças a múltiplos sistemas de crenças, além do mapeamento das religiões esbarrar em perspectivas culturais e regionais do tratamento de dados.

Com esta preocupação, indicamos em nossa análise aspectos que realçam a diversidade religiosa em várias partes do grupo e que estão em torno do debate sobre a intolerância religiosa e as iniciativas de tolerância e de inclusão.

### **A diversidade ocultada**

Uma categoria em especial que sofre com o mapeamento é a dos sem religião.<sup>42</sup> Em geral, os centros de monitoramento do quadro religioso, como o censo brasileiro, organizam o grupo dos sem religião sem uma distinção totalmente estrita entre os grupos de ateus, agnósticos e espiritualistas, e em um cenário de análise global, tais especificidades acabam se perdendo. Os dados sobre ateísmo acabam se mesclando aos referentes a pessoas agnósticas ou que vivenciam espiritualidades seculares sem uma vinculação com uma instituição religiosa majoritária. Nesse contexto, ainda é difícil mensurar

---

41. MARIZ, 2013.

42. RODRIGUES, 2012.



a religiosidade presente nos novos movimentos religiosos e realizar uma distinção apropriada das pessoas sem religião. De forma similar, uma multiplicidade de crenças ligadas ao contexto de Nova Era, com forte presença ocidental a partir dos últimos de anos do século 20, entram em uma zona nebulosa de observação.

Fora este elemento, alguns países apresentam características para além do aspecto religioso, como os Estados teocráticos, nos quais o elemento “religião” está institucionalizado como política e normativa governamental, extrapolando o âmbito das crenças e adesões estritamente voluntárias. Trabalhamos aqui, com as fronteiras do debate de religião e direitos humanos, o que, em última instância, também pode afetar uma análise global do quadro religioso. Não se trata de desprezar os dados religiosos dos países teocráticos, mas tratá-los com um olhar mais cuidadoso e detalhista.

Também é relevante observar que ao agregar os grandes grupos religiosos em matrizes conceituais muito amplas: “cristianismo”, “islamismo”, “budismo”, “hinduísmo”, perde-se a especificidade de práticas religiosas dentro desses grupos, o que acaba por gerar uma perspectiva de falsa homogeneidade. Lembramos que em geral, conforme observou Edward Said, a perspectiva ocidental acerca do Oriente é enviesada, alocada em uma ótica de colonização, na qual o Oriente torna-se equivocadamente um grande bloco homogeneizado, incivilizado e exótico.<sup>43</sup>

Nesse sentido, torna-se insuficiente observarmos as religiões no continente asiático apenas como blocos, sem identificar características mais localizadas. Aventamos, portanto, que a escolha de apresentar números do quadro mundial das religiões tem caráter apenas didático em nossa pesquisa.

### **Intolerância religiosa no mundo**

Analisar a pluralidade religiosa, considerando a discussão que apresentamos no início deste texto sobre a concepção de pluralismo religioso e da proposta de interconvicções como uma ação política de transformação social, leva-nos a observar o contexto das intolerâncias no mundo e as políticas que têm sido desenvolvidas pelos diferentes países e instituições como formas de combate. No Brasil, por exemplo, o canal de denúncias de Direitos Humanos,

---

43. SAID, 2007.

o disque 100, vem registrando desde 2011 um aumento anual no número de denúncias, o que pode ser decorrente de maior conhecimento sobre o canal e a política, mas também pode trazer dados sobre a violência religiosa no país. As religiões de matrizes africanas como Umbanda e Candomblé são, com expressiva diferença dos demais grupos religiosos, as religiões que mais sofrem ataques no Brasil. Há denúncias de violências dirigidas tanto a pessoas religiosas quanto aos terreiros e espaços de culto.

Alguns segmentos evangélicos e católicos também relatam sofrer intolerâncias, assim como o grupo de muçulmanos, que vem crescendo nos anos recentes no Brasil. As cidades nas quais ocorrem a maior parte de denúncias são Natal, São Paulo e Rio de Janeiro. Há que se pensar que muitos crimes ligados a intolerâncias religiosas são subnotificados ou enquadrados em outros tipos de crime, como é o caso das intolerâncias às religiões afro, que frequentemente são classificados como injúria e racismo, por serem violências que caminham juntas.

Dados da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) mostram que em 2015 a intolerância contra as pessoas muçulmanas no Brasil aumentou consideravelmente, o que corresponde a aumento da violência mundial no mesmo período, em função de eventos ligados ao Estado Islâmico.

Cabe observar que as mulheres são alvos mais frequentes das ações de intolerância, em função do uso da vestimenta islâmica (véus, como *hijab*, *xador* – mais comuns no mundo ocidental –, além de *niqab* e *burca*). Mundialmente, o grupo muçulmano é o que mais sofre com ataques de vários tipos e tal cenário se intensificou após o episódio ocorrido em setembro de 2001 nos EUA.

Podemos citar vários episódios de violência e intolerância religiosa ocorridos contra esse grupo na última década e amplamente noticiados, como: em 2019, ataques a duas mesquitas na Nova Zelândia, que mobilizaram manifestações no mundo; Londres; em junho de 2017, quando um homem atropelou com uma caminhonete um grupo de muçulmanos, próximo à mesquita de Finsbury Park, deixando uma pessoa morta e algumas feridas; também em 2017, no Canadá, seis muçulmanos foram mortos e vários foram feridos por um homem armado. Já em julho de 2011, o ataque de um militante de extrema-direita deixou 77 mortos na Noruega. Há que se pensar que o fenômeno

migratório em massa, em função de eventos como guerras, tem impactado o quadro das intolerâncias, especialmente na Europa.

Na África, podemos observar a coexistência entre cristãos, muçulmanos e crenças religiosas tradicionais. No entanto, conforme observa o relatório da *Pew Forum On Religion*<sup>44</sup>, números substanciais de cristãos africanos (aproximadamente 40%) afirmam que consideram os muçulmanos violentos. Já os muçulmanos são significativamente mais positivos em sua avaliação sobre os cristãos.

Voltando ao contexto brasileiro, um grupo que tem sido alvo de intolerância, em especial a partir de seu crescimento numérico nas duas últimas décadas, é o de ateus. Em 2008, uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo indica que 17% da população brasileira tem repulsa e ódio a pessoas que não acreditam em Deus e 25% demonstraram antipatia a este grupo.

### **Iniciativas de tolerância e inclusão**

No campo que envolve as relações entre gênero e religião, podemos citar alguns movimentos que impactaram positivamente as perspectivas de tolerância e inclusão. As igrejas inclusivas podem ser apontadas como uma importante transformação no quadro religioso cristão que as duas últimas décadas têm visto com mais notoriedade. Embora o conceito e a prática existam desde 1968 nos Estados Unidos, no Brasil e em outros países americanos e europeus, somente a partir de fins dos anos 1900 e início dos 2000 é que as Igrejas inclusivas, como: Igreja da Comunidade Metropolitana, Comunidade Cristã Nova Esperança, Igreja Cristã Evangelho Para Todos, Comunidade Athos, Comunidade Cristã Abraça-me, entre outras, assumiram um protagonismo na reconfiguração das relações entre gênero e religião<sup>45</sup>, em um momento histórico em que paradoxalmente também despontaram fortes tensões ligadas às pautas LGBTQIA+ e às religiões cristãs. Outro ponto que merece nossa atenção é o crescimento e a intensa atividade de movimentos feministas religiosos, como o Católicas pelo Direito de Decidir, Evangélicas pela Igualdade de Gênero, movimentos de feministas islâmicas ao redor do mundo...

44. LUGO, *et al*, 2010.

45. Cf. NATIVIDADE, 2010.

O marcado aumento da presença de mulheres em lideranças religiosas nas duas últimas décadas é outro fato relevante. O fenômeno pode ser observado em religiões protestantes e pentecostais, com maior número de pastoras, bispas e outras funções na hierarquia religiosa.<sup>46</sup>

As religiões de matrizes afro conquistaram nos anos recentes o reconhecimento público de serem alvos de preconceitos e ações violentas e algumas políticas de proteção, como o Disque 100 já aqui citado, a Lei da Educação 11.645/08, que prevê o ensino da cultura e mitologia africanas, entre outras ações, afetaram o processo de conscientização coletiva sobre o lugar da cultura africana.

Não podemos deixar de citar as recentes denúncias de abusos sexuais contra líderes religiosos, o processo que culminou no pedido de demissão coletiva de trinta e quatro bispos no Chile em 2018 por pedofilia e a iniciativa do Papa Francisco de tornar obrigatório que religiosos denunciem casos de abusos sexuais.

Todos estes fatos demonstram que existe mais visibilidade sobre os crimes sexuais e maior consciência coletiva sobre tais processos, o que também está trazendo modificações para a estrutura das relações dentro das religiões. No contexto de combate às intolerâncias religiosas, mundialmente, há muitos órgãos e iniciativas de apoio à convivência de paz. Em função da maior intolerância e violência no contexto das religiões ser voltada à comunidade muçulmana, muitos órgãos internacionais têm organizado ações contra a islamofobia, incluindo a ONU. *Forum Against Islamophobia and Racism* (FAIR) é um importante exemplo.

## **Considerações finais**

Cumprindo o objetivo de apresentar um cenário amplo sobre a pluralidade religiosa no Brasil e no mundo, a pesquisa mostrou como o fenômeno religioso e seu dinamismo encontra-se impactado por situações sociais e culturais. Os trânsitos religiosos têm sofrido fortes transformações, com o apoio dos meios midiáticos, no entanto, cada nação ou região estabelece arranjos próprios, mais ou menos tensos e fluidos, sobre laicidade, direitos humanos e globalização, e tais arranjos interferem diretamente na perspectiva de pluralidade religiosa. O caminho do pluralismo passa pela construção do caminho da tolerância e do reconhecimento de direitos aos grupos diferentes, visando

---

46. CHANTAL, 2019.

convivências justas, dialógicas, respeitosas e pacíficas entre instituições e adeptos de diferentes visões religiosas ou de mundo, passando pela ótica do diálogo entre as interconvicções.

Especificamente dentro do quadro dinâmico das religiões no mundo, outro desafio que surge no contexto contemporâneo é o aumento mundial do grupo sem religião. Ele merece um olhar mais apurado de pesquisadoras/es/xs acerca das gradações e especificidades das religiosidades e irreligiosidades presentes nesse grupo, que impactam nas estratégias sobre o diálogo interconvicções nas bases apresentadas no início deste texto. É preciso ter um levantamento mais preciso e detalhado sobre as relações entre convicções religiosas e arreligiosas e o espaço intermediário que tem sido construído socialmente nesses encontros.

O aumento crescente número dos/as muçulmanos/as por quase todo o globo, com exceção da América, também chama atenção em um momento em que a diversidade se torna um valor das sociedades democráticas, uma vez que a forte intolerância mundial a este grupo ameaça a perspectiva de construção política de um *locus* de diálogo transformador.

## Referências

- BECKER, François (org.). *Devenir citoyens et citoyennes d'une Europe plurielle*. Conseil de l'Europe, Strasbourg, 2012.
- BECKFORD, James. *Social Theory & Religion*. New York: Cambridge University Press, 2003.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; PESSOA, Jadir de Moraes. *Os Rostos de Deus do Outro*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos (atual Ministério das Mulheres, Família e Direitos Humanos). *Balanço Anual – Ouvidoria 2017 – Disque Direitos Humanos*. 2018.
- CAMURÇA, Marcelo. A religião e o Censo: enfoques metodológicos. Uma reflexão a partir das consultorias do ISER ao IBGE sobre o dado religioso nos Censos. *Comunicações do Iser*, Rio de Janeiro, v. 69, p. 8-17, set. 2014.

- CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciências da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CHANTAL, Graziela Rodrigues da Silva. Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas Igrejas por meio do chamado de Deus. *Pista: Periódico Interdisciplinar*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 61-72, ago./nov. 2019.
- CORICHI, Manolo. How people in South and Southeast Asia view religious diversity and pluralism. *Pew Research Center*, 2023.
- CARRIE OSGOOD. *Data Atlas of the World: Major World Religions*. 2019. Disponível em <https://dataworldatlas.com/>. Acesso em 22 fev. 2020.
- CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO. “¿Cual es tu religión?”. *Latinobarómetro*, 2017. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- EM NOME DA DIVERSIDADE. Fundação Perseu Abramo, 04 ago. 2010. Disponível em: <https://www.fpabramo.org.br/2010/08/04/em-nome-da-diversidade/>.
- FERNANDES, Sílvia. A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, *IHU-Adital*, 7 jul. 2012. <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-re-construcao-de-identidade-religiosa-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>.
- FRANCO, Clarissa de *et al.* A participação brasileira no fortalecimento do conservadorismo reacionário mundial: alianças político-religiosas e o reforço à agenda anti-gênero em meio à pandemia de covid-19. *Revista Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 28, n. 2, p. 33-55, 2022.
- GIUMBELLI, Emerson Giumbelli. O campo religioso em suas configurações. *In: SENA, Emerson; SOFIATI, Flávio. Novas Leituras do Campo Religioso Brasileiro*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 153-200.
- GUTIÉRREZ, María Alicia. *Igrejas, religiões e crenças*. Enciclopedia Latinoamericana. Rio de Janeiro: Boitempo, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D&P Editora, 2006.

- LUGO, Luis *et al.* *Tolerance and Tension: Islam and Christianity in Sub-Saharan Africa*. Pew Forum on Religion & Public Life, 2010.
- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira. Católicos, pentecostais e evangélicos em disputa na esfera pública. *Revista Civitas*, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio-ago 2011.
- MARIZ, Cecília Loreto. Instituições tradicionais e movimentos emergentes. *In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013. p. 301-312.
- MODOOD, Tariq; SEALY, Thomas. Developing a framework for a global comparative analysis of the governance of religious diversity. *Religion, State & Society*, v. 50, n. 4, p. 362–377, 2022.
- MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. *Revista Etnográfica*, Lisboa, Portugal, v. 13, n. 1, p. 7-16, 2009.
- MOREIRA, Alberto da Silva. “O futuro da religião no mundo globalizado”. *In: MOREIRA, Alberto da Silva; DIAS DE OLIVEIRA, Irene (orgs.). O Futuro da Religião na Sociedade Global*. São Paulo-SP, Paulinas/UCG, p. 17-35, 2008.
- NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol.30, n. 2, p. 90-121, 2010.
- PEW RESEARCH CENTER. “Eastern and Western Europeans Differ on Importance of Religion, Views of Minorities, and Key Social Issues. 2018. Accessed 28 December 2018. <https://www.pewforum.org/2018/10/29/eastern-and-western-europeans-differ-on-importance-of-religion-views-of-minorities-and-key-social-issues/>.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira; CATENACI, Giovanni. *O pluralismo religioso em debate*. São Paulo, Reflexão, 2017.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Dupla e múltipla pertença religiosa no Brasil. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 32, n.3, p. 93-115, 2018.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “Por onde andei”: *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Horizontes plurais: espiritualidades, pluralidades e diálogos*. São Paulo: Diversidades, 2023.

- RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos Censos brasileiros: sinal de uma crise de pertencimento institucional. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, no. 28, p. 1130-1253, out./dez. 2012.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Babalawô Ivanir, et al. *Intolerância religiosa no Brasil. Balanço e Relatório*. Rio de Janeiro: Klíne: CEAP, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2018/08/relatorio-final-port-2.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- SOUZA, Sandra Duarte de. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 21-29, dez. 2006.
- STEIL, Carlos Alberto. Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global. In: MOREIRA, Alberto da Silva; DIAS DE OLIVEIRA, Irene (orgs.). *O Futuro da Religião na Sociedade Global*. São Paulo: Paulinas/UCG, p. 7-16, 2008.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- USARSKI, Frank. *O Budismo no Brasil*. São Paulo: Lorosae, 2002.